

## ROTA ÉTNICO-RACIAL PELO CENTRO HISTÓRICO DE CURITIBA: TERRITÓRIO, MEMÓRIA E FORMAÇÃO DOCENTE

Delaine Seledes Peroni <sup>1</sup>  
João Fernando Leite Antelo <sup>2</sup>  
Lucio Botelho <sup>3</sup>  
Karina Rousseng Dal Pont <sup>4</sup>

### RESUMO

Este trabalho apresenta a construção e aplicação de uma Rota Étnico-Racial no centro histórico de Curitiba, elaborada como parte de uma proposta de material didático voltado à formação continuada de professores da educação básica e à formação inicial dos estudantes do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) do curso de Geografia da Universidade Federal do Paraná (UFPR). A iniciativa surge das discussões realizadas no grupo PIBID Geografia UFPR, que identificou a necessidade de problematizar a narrativa eurocentrada que historicamente estruturou a identidade oficial da cidade. A imagem de Curitiba como cidade “modelo”, frequentemente associada à imigração europeia, contribui para o apagamento da presença e da contribuição da população negra na formação social, cultural, religiosa e urbana do município. Metodologicamente, a proposta organiza-se como uma saída de campo estruturada em três momentos: pré-campo, campo e pós-campo. No pré-campo, desenvolve-se uma discussão teórica sobre o apagamento da história negra e a construção de uma narrativa urbana que invisibiliza a população preta. O campo consiste na visita a pontos estratégicos do centro histórico que evidenciam presença e resistência negra. No pós-campo, realiza-se uma roda de conversa com os participantes, visando à sistematização das reflexões e à discussão de possibilidades de transposição didática. Antes da finalização do material, a rota foi aplicada de forma experimental com o próprio grupo do PIBID, como etapa de avaliação formativa. A experiência revelou participação ativa, questionamentos críticos e reflexões sobre a abordagem das relações étnico-raciais na prática docente, indicando o potencial do território como estratégia pedagógica para uma formação mais crítica e comprometida com a valorização da memória afro-brasileira.

**Palavras-chave:** Curitiba, formação docente, rota étnico-racial, território.

<sup>1</sup> Graduada do Curso de Geografia da Universidade Federal do Paraná - UFPR, [peronidelaine@gmail.com](mailto:peronidelaine@gmail.com)

<sup>2</sup> Graduado pelo Curso de Geografia da Universidade Federal do Paraná - UFPR, [jfleiteantelo7@gmail.com](mailto:jfleiteantelo7@gmail.com)

<sup>3</sup> Professor orientador: Doutor em Ciências Históricas, Geográficas e Antropológicas e Doutor em Geografia – Universidade Federal do Paraná – UFPR, [lucio.botelho@ufpr.br](mailto:lucio.botelho@ufpr.br)

<sup>4</sup> Professora orientadora: Doutora do Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná – UFPR, [karinapont@ufpr.br](mailto:karinapont@ufpr.br)



## 1. INTRODUÇÃO

A Rota Étnico-Racial pelo centro histórico de Curitiba nasceu com o propósito de evidenciar a presença e a importância da população negra na construção social, cultural, religiosa e urbana da capital paranaense "a invisibilidade do negro é um dos suportes da ideologia do branqueamento" (Leite, 1996, p. 41). A proposta parte da necessidade de tensionar e desconstruir o imaginário eurocêntrico que, ao longo dos anos, consolidou-se como narrativa dominante sobre a identidade da cidade.

Nesse sentido, compreende-se que uma das formas mais potentes de promover essa transformação é por meio da educação, especialmente junto às crianças e aos adolescentes em fase escolar, sujeitos em processo de formação crítica e construção de pertencimento.

Ao longo da formação universitária em Geografia, consolidou-se entre nós a compreensão de que a sala de aula não se restringe às quatro paredes da escola, mas se amplia no território vivido. O campo, portanto, assume centralidade como espaço privilegiado de aprendizagem, onde teoria e realidade se encontram.

A partir dessa concepção, aliada ao objetivo de ressaltar a presença negra na formação de Curitiba, estruturou-se a proposta intitulada Rota Étnico-Racial pelo Centro Histórico de Curitiba: Território, Memória e Formação Docente, concebida como instrumento pedagógico e material didático voltado à formação crítica e à valorização das múltiplas territorialidades que compõem a cidade.

## 2. METODOLOGIA

A metodologia adotada organiza-se em três momentos complementares: o pré-campo, destinado ao planejamento e preparação; o campo, voltado à coleta de dados e observações; e o pós-campo, conforme a tradição das pesquisas qualitativas em educação (Bogdan; Biklen, 1994), contemplando o planejamento e preparação das atividades, a coleta de dados e observações e, por fim, a sistematização, análise e reflexão das informações produzidas. Tal proposta metodológica foi desenvolvida a partir de um relato de experiência realizado com estudantes do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) em Geografia, articulando formação acadêmica e prática pedagógica no contexto da educação básica (Thiollent, 2011).



### 3. PRÉ-CAMPO

O pré-campo constitui o momento de preparação conceitual e política da experiência. Nele, desenvolve-se uma discussão teórica sobre o apagamento da história negra na formação urbana de Curitiba, problematizando a construção de uma narrativa oficial marcada pelo eurocentrismo e pela valorização quase exclusiva da imigração europeia como elemento fundador da identidade local.

O objetivo do pré-campo é fornecer instrumentos teórico-metodológicos que possibilitem aos participantes realizar não apenas um passeio descritivo pelo centro histórico, mas uma leitura crítica e reflexiva do espaço. Busca-se, nesse momento, trabalhar conceitos fundamentais como território, memória e identidade, compreendendo o espaço como resultado de processos históricos, sociais e culturais. O conceito de território foi abordado a partir da compreensão de que ele não se limita à dimensão física ou cartográfica, mas constitui-se como espaço produzido por relações sociais e atravessado por disputas de poder (Santos, 1996), permitindo problematizar quem constrói, representa e legitima determinadas narrativas na paisagem urbana.

Foi também nessa etapa que se realizou o levantamento e a seleção dos lugares e marcos urbanos vinculados à presença e à identidade negra na cidade, definindo os pontos que orientariam o percurso investigativo no campo.

### 4. CAMPO

Nesse momento da atividade, os estudantes foram conduzidos a percorrer o centro histórico de Curitiba, em uma vivência que articulou teoria e prática, configurando-se como parte fundamental deste relato de experiência.

A visita contemplou pontos estratégicos vinculados à presença negra na cidade, tais como a Sociedade 13 de Maio, às Ruínas de São Francisco, a Igreja do Rosário, o Memorial de Curitiba, a Igreja da Ordem em conjunto com o Museu de Arte Sacra de Curitiba, a Praça Tiradentes e as Gameleiras Sagradas, as Arcadas do Pelourinho e a escultura de Emerenciana da Silva Furtado.

Durante o percurso, o território foi compreendido como documento histórico, no qual fachadas, praças, igrejas, monumentos e até mesmo silenciamentos tornaram-se objetos de análise. A sistematização desses pontos, apresentada a seguir, integra a proposta de um material didático, organizado a partir da experiência vivida em campo



e pensado para subsidiar práticas pedagógicas futuras. Durante o percurso, o território foi compreendido como documento histórico, no qual fachadas, praças, igrejas, monumentos e até mesmo silenciamentos tornaram-se objetos de análise. A sistematização desses pontos, apresentada a seguir, integra a proposta de um material didático, organizado a partir da experiência vivida em campo e pensado para subsidiar práticas pedagógicas futuras.

## 5. PONTOS DA ROTA

### 5.1. Sociedade treze de maio

Fundada em 1888 por negros libertos e trabalhadores livres ligados à Irmandade de São Benedito, a Sociedade Operária Beneficente Treze de Maio nasceu no contexto imediato da abolição da escravatura. Criada como uma instituição de apoio social, oferecia auxílio médico, funeral, educativo e comunitário para ex-escravizados que eram abandonados à própria sorte pelo Estado e pela elite branca. Localizada no Boulevard São Francisco, foi também espaço de encontros culturais, bailes e festas, tornando-se referência para a sociabilidade negra em Curitiba. Hoje, resiste como unidade de interesse especial de preservação, simbolizando a luta do associativismo negro contra a exclusão social e a marginalização. (Pitz, 2022).

FIGURA 1 – SIMBOLO DA SOCIEDADE



FONTE: Giuliano Gomes/PR Press

FIGURA 2 - FACHADA DA SOCIEDADE 13 DE MAIO



FONTE: Giuliano Gomes/PR Press

### 5.2. Ruínas de São Francisco

Segundo Poliana Teixeira da Fonseca (2019), as Ruínas de São Francisco não devem ser compreendidas apenas como o vestígio de uma igreja inacabada do final do século XVIII, mas como uma paisagem marcada por disputas de memória, silenciamentos e resistências, especialmente relacionadas à presença negra em Curitiba.



A autora destaca que a construção da Igreja de São Francisco de Paula, iniciada em 1799, ocorreu em pleno regime escravocrata, sendo a mão de obra negra fundamental para a edificação das estruturas urbanas da vila. No entanto, essa participação foi historicamente invisibilizada na narrativa oficial da cidade.

Além disso, o Alto de São Francisco esteve associado ao sepultamento de grupos marginalizados, como pessoas escravizadas e pobres, evidenciando uma organização espacial que expressava hierarquias raciais e sociais. Assim, as Ruínas configuram-se como uma paisagem de resistência e memória negra, tensionando a narrativa embranquecida da formação de Curitiba e revelando as desigualdades estruturais do período colonial e seus desdobramentos.

FIGURA 3 – RUÍNAS DE SÃO FRANCISCO



FONTE: Letícia Akemi/Gazeta do Povo

FIGURA 4 – ALTO DO SÃO FRANCISCO - Jean Babtist Debret, 1827.



O quadro de Debret, retrata um mestre de taipa atuando entre as ruínas, ao mesmo tempo em que oferece uma visão panorâmica da cidade no início do século XIX.

FONTE: ImagoHistória

### 5.3. Igreja do Rosário dos Pretos de São Benedito

Construída no século XVIII por negros livres e escravizados, a Igreja do Rosário foi o espaço destinado à religiosidade negra em Curitiba, já que os negros eram proibidos de frequentar a Igreja Matriz. Ali funcionava a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, que cuidava dos enterros, das missas e da vida comunitária dos fiéis. Em 1931, a igreja foi demolida em um contexto de modernização urbana e branqueamento cultural, restando apenas fragmentos incorporados à reconstrução de 1946. Hoje, o espaço é palco da Festa do Rosário e da Lavação das Escadarias, que reafirma a memória e a espiritualidade afro-brasileira. A sua história é um retrato da resistência cultural negra frente ao apagamento oficial. (Scirea; Vidal; Martinez. 2016)



FIGURA 5 – IGREJA DO ROSÁRIO



FONTE: Paulo JC Nogueira

#### 5.4. Memorial de Curitiba

O Memorial de Curitiba, inaugurado em 1996, é um importante espaço cultural da cidade, voltado à realização de exposições e atividades que representam a diversidade local. No entanto, no contexto do roteiro, ele é interpretado de forma crítica, como um espaço que reforça narrativas oficiais sobre a memória da cidade.

O painel artístico de Sérgio Ferro, também inaugurado em 1996, apresenta uma visão tradicional da história do Brasil e de Curitiba, destacando símbolos associados ao progresso e à fundação da cidade. Embora a presença negra apareça na obra, ela é representada de forma estereotipada, com homens em posição de submissão e mulheres hipersexualizadas, evidenciando a reprodução de perspectivas coloniais e racistas na construção visual da memória histórica.

FIGURA 6 – FACHADA DO MEMORIAL DE CURITIBA



FONTE: Cido Marques Painei

FIGURA 7 – PAINEL PRODUZIDO POR SÉRGIO FERRO



FONTE: Monique Renne

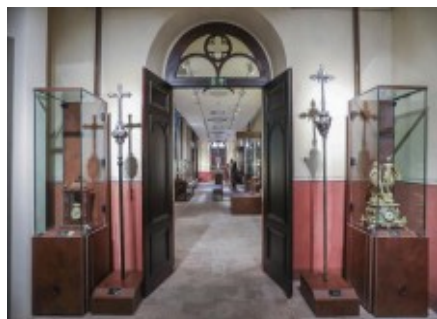
#### 5.5. Igreja da Ordem e Museu da Ordem Sacra

A Igreja da Ordem, do século XVIII, é a mais antiga igreja preservada de Curitiba. Frequentada pelas elites brancas, contrasta com a Igreja do Rosário, que era o espaço destinado aos negros. Hoje abriga o Museu de Arte Sacra, onde está a imagem de São Benedito, santo de devoção central nas irmandades negras. Esse ponto mostra a segregação racial no interior da própria religiosidade católica e revela como, mesmo



dentro das restrições, a fé e os símbolos afrodescendentes encontraram formas de resistir. (Plural Jor, 2024)

FIGURA 8 – MUSEU DA ARTE SACRA



FONT

E: Daniel Castellano

FIGURA 9 – IGREJA DA ORDEM



FONTE: Guilmann

## 5.6. Praça Tiradentes

A Praça Tiradentes é o marco zero da cidade. Mas, para a população negra, as gameleiras que existiam no local eram mais do que árvores: eram lugares de sociabilidade, descanso e de sacralidade. Na cosmovisão afro-brasileira, a gameleira é árvore sagrada, ligada a orixás como Iroko (Prefeitura Municipal de Curitiba, 2024). Em 2017, foi instalada uma placa reconhecendo o espaço como sagrado e afirmando: “A raiz negra em Curitiba é forte, antiga e ativa”. Hoje, o local é ponto de cortejos da Festa do Rosário e de manifestações culturais afro-brasileiras, mostrando como a memória negra resiste e se re-inscreve no coração da cidade. (Informativo Centro Cultural Humaitá, 2019).

FIGURA 10 – Praça Tiradentes com a Catedral Basílica Nossa Senhora da Luz dos Pinhais.



FONTE: Curitiba Paraná

FIGURA 11 – Gameleiras da Praça Tiradentes



FONTE: Hully Paiva

## 5.7. Arcadas do Pelourinho

Atrás do Paço da Liberdade, ficam as chamadas Arcadas do Pelourinho, onde existia o pelourinho colonial. Esse espaço foi símbolo da opressão e da violência contra negros escravizados, usados como exemplo para castigos públicos. As Arcadas



são ressignificadas: de lugar de humilhação, tornam-se um ponto de denúncia e de memória da resistência negra. Duas placas lembram hoje o local, transformando-o em território de afirmação histórica. (Pitz e Perin, 2019)

FIGURA 11 – ARCADAS DO PELOURINHO      FIGURA 12 - PELOURINHO



FONTE: Flávio Antonio Ortolan



FONTE: Flávio Antonio Ortolan

### 5.8. Emerenciana Furtada

A escultura “Água pro Morro” (1944), de Erbo Stenzel, foi inspirada em uma mulher negra conhecida como “Maria lata d’água”, cujo verdadeiro nome era Emerenciana Cardoso Neves (Anita Cardoso Neves), artista formada em Escultura pela antiga Escola Nacional de Belas Artes.

Apesar de sua trajetória artística, sua identidade foi apagada da memória pública, enquanto a escultura se tornou um símbolo urbano de Curitiba. Esse silenciamento evidencia a invisibilização das contribuições da população negra na construção cultural da cidade. Resgatar a história de Emerenciana significa reconhecer sua autoria e afirmar a presença negra na história brasileira.

FIGURA 13 – ESCULTURA ÁGUA PRO MORRO – Erbo Stenzel



FONTE: Flávio Antonio Ortolan

A organização espacial dos pontos selecionados estrutura o percurso da Linha Preta no centro histórico de Curitiba, permitindo uma leitura integrada das territorialidades negras presentes na cidade. Para melhor visualização do trajeto e da



distribuição dos locais analisados, apresenta-se, a seguir, o mapa da Rota Étnico-Racial.

FIGURA14 – MAPA ROTEIRO DE CAMPO – AFRO CAMINHOS CURITIBA



FONTE: Delaine Peroni

## 6. Pós-Campo

O pós-campo dedica-se à discussão de possibilidades de transposição didática, refletindo sobre como a experiência pode ser adaptada a diferentes realidades escolares considerando os contextos socioterritoriais específicos, os níveis de ensino e as demandas formativas de cada comunidade educativa. Tal reflexão contribui para o desenvolvimento da autonomia pedagógica dos futuros docentes, ampliando sua capacidade de planejar práticas contextualizadas, críticas e socialmente referenciadas.

Como proposta adicional, o material didático pode ser utilizado por professores para o desenvolvimento de sequências didáticas interdisciplinares, articulando Geografia, História e Sociologia, ou mesmo para a elaboração de roteiros locais em outras cidades, uma vez que a construção e a análise de rotas urbanas favorecem a identificação de marcas espaciais, disputas de memória e processos de invisibilização que estruturam as territorialidades negras. Ao incentivar os estudantes a mapearem seus próprios contextos, promove-se o reconhecimento do território como espaço de relações de poder, pertencimento e resistência, incentivando os estudantes a investigarem as territorialidades negras em seus próprios contextos.



## 7. Resultado e Discussões.

A aplicação experimental da Rota Étnico-Racial junto aos estudantes do PIBID Geografia UFPR evidenciou o potencial do território como ferramenta de formação crítica. Durante o percurso, os participantes passaram a compreender o centro histórico como espaço socialmente produzido e atravessado por relações de poder, superando uma leitura meramente descritiva. A análise de pontos como o Memorial de Curitiba e as Arcadas do Pelourinho suscitou reflexões sobre a seletividade das narrativas oficiais e o apagamento da presença negra na identidade urbana, em diálogo com a concepção de território como construção social proposta por Milton Santos (1996).

Observou-se também o desconhecimento prévio sobre marcos históricos vinculados à população negra, indicando como determinadas memórias permanecem à margem da narrativa institucional da cidade. No âmbito formativo, a experiência ampliou a percepção dos participantes acerca do uso do território como recurso pedagógico, fortalecendo a articulação entre ensino de Geografia, educação antirracista e leitura crítica do espaço urbano.

## 8. Considerações Finais

A rota urbana se afirma como uma prática de ressignificação histórica. Ao percorrer seus marcos, amplia-se o olhar sobre Curitiba, revelando dimensões frequentemente omitidas pelas versões oficiais da história local. Trata-se de reconhecer que a formação da cidade também está profundamente ligada às trajetórias da população negra, cuja contribuição foi essencial para sua constituição social, cultural e econômica.

Retomar essas narrativas significa romper com silenciamentos históricos e promover justiça simbólica. A memória negra, quando incorporada ao espaço urbano, fortalece identidades, inspira pertencimento e reafirma a centralidade de sujeitos que, por muito tempo, foram marginalizados. Nesse sentido, a Rota Étnico-Racial consolida-se como instrumento educativo e social, estimulando reflexão crítica e valorização da diversidade que compõem a história da capital paranaense.



## REFERÊNCIAS

BRASIL DE FATO. Água pro Morro: a história e a identidade da artista brasileira que foi apagada. **Brasil de Fato**, 1 abr. 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/04/01/agua-pro-morro-a-historia-e-a-identidade-da-artista-brasileira-que-foi-apagada/>. Acesso em: 28 fev. 2026.

FACHIM, Eliana Carmem. Sagradas, gameleiras da Praça Tiradentes agora são patrimônio imaterial de Curitiba. **Prefeitura Municipal de Curitiba**, 18 nov. 2024. Disponível em: <https://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/sagradas-gameleiras-da-praca-tiradentes-agora-sao-patrimonio-imaterial-de-curitiba/74979>. Acesso em: 28 fev. 2026.

FONSECA, Poliana Teixeira da. **Ruínas de São Francisco: paisagens de resistência**. 2019. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019.

INFORMATIVO CENTRO CULTURAL HUMAITÁ. Roda de rua. **Informativo Centro Cultural Humaitá**, 2 jan. 2019. Disponível em: <https://informativocentroculturalhumaita.wordpress.com/2019/01/02/roda-de-rua/>. Acesso em: 28 fev. 2026.

LEITE, I. B. Descendentes de africanos em Santa Catarina: invisibilidade histórica e segregação. In: LEITE, I. B. (org.). **Negros no sul do Brasil: invisibilidade e territorialidade**. Ilha de Santa Catarina: Letras Contemporâneas, 1996.

PITZ, Gustavo. A história da Sociedade 13 de Maio. **Turistória**, 2023. Disponível em: <https://www.turistoria.com.br/a-historia-da-sociedade-13-de-maio>. Acesso em: 11 nov. 2025.

PITZ, Gustavo; PERIN, Gabriel Brum. O Pelourinho de Curitiba, ou o que restou dele. **Turistória**, 2019. Disponível em: <https://www.turistoria.com.br/o-pelourinho-de-curitiba-ou-o-que-restou-dele>. Acesso em: 11 nov. 2025.

PLURAL JOR. Igreja do Rosário, Curitiba, construída com sangue dos escravizados. **Plural Jor**, 7 jul. 2025. Disponível em: <https://www.plural.jor.br/igreja-do-rosario-curitiba-construida-sangue-dos-escravizados/>. Acesso em: 28 fev. 2026.



SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** 4. ed.  
2. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

